



Jornalismo e Amazônia – Inovação na Cobertura da Questão Ambiental Amazônica¹

Maurício Pimentel Homem de BITTENCOURT²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

Resumo

Apresentamos as primeiras conclusões de projeto de pesquisa que objetiva investigar propostas de conteúdo e forma para a cobertura jornalística da questão ambiental na Amazônia, no momento em que a sociedade revê seu modelo de desenvolvimento em razão de mudanças climáticas. A preservação da floresta amazônica é vista como fundamental para minimizar o desequilíbrio ambiental do planeta, o que aumenta a essencialidade de uma cobertura jornalística à altura. Nossas primeiras conclusões apontam para a necessidade de inovação na abordagem jornalística, combinada a melhor sintonia cultural com a região. Tais mudanças parecem requerer das empresas de comunicação uma revisão de perspectiva em relação à Amazônia, bem como novos modelos institucionais para meios de comunicação alternativos aos atuais.

Palavras-chave

Meio Ambiente; Amazônia; Jornalismo; Comunicação

I – Mudanças climáticas e jornalísticas

À medida que a Humanidade se obriga a contestar a primazia da lógica desenvolvimentista ocidental devido aos claros sintomas de desequilíbrio ambiental causados por essa lógica, o Jornalismo, se quiser contribuir para a solução dos desafios contemporâneos, necessita rever princípios e práticas, uma vez que historicamente esteve atrelado às necessidades industriais dos veículos de comunicação de massa, e seu público predominante está nas cidades, sintonizado com a proposta consumista, industrialista, cientificista, e já que “tanto as gramáticas científicas quanto as gramáticas jornalísticas se constituem, no final do século XIX, fundamentadas na mesma visão de mundo e, por isso, também os conceitos operacionais e as técnicas de trabalho se conjugam” (MEDINA, 2006, p.10).

Como pesquisadores baseados na região amazônica, pródiga em conhecimento alternativo ao ocidental, desafia-nos a busca pelo equilíbrio entre a visão de mundo do

¹ Trabalho apresentado no NP de Jornalismo do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação, Líder do Grupo de Pesquisa “Amajor – Amazônia, Jornalismo e Comunicação” e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac)



homem ocidental e a dos povos da floresta: índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, comunitários de uma dura vida em harmonia com a natureza. Para nós, o desafio prossegue na procura desse equilíbrio no cotidiano da prática jornalística *na e sobre a Amazônia*. Portanto, iniciamos este artigo a partir do assunto “Mídia, Ecologia e Sociedade” propondo que, se por motivos ecológicos a Humanidade precisa rever princípios até hoje predominantes globalmente, isso impõe que se revise também o Jornalismo na cobertura da questão ambiental amazônica, uma vez que a região é pauta central do debate global, objetiva e subjetivamente. Como comunicadores sociais, os jornalistas cumprimos importante papel na aproximação entre o mundo ocidental e as comunidades da floresta amazônica, estas portadoras de uma sabedoria que pode definir os contornos do chamado *desenvolvimento sustentável*, idéia fartamente teorizada, entretanto, enigma enquanto proposta concreta da civilização que cunhou tal expressão.

A partir dessa análise, criamos o projeto de pesquisa *Narrativas da Floresta*, no âmbito do Grupo de Pesquisa *Amajor – Amazônia, Jornalismo e Comunicação*, o qual lideramos, cujo principal objetivo é pesquisar propostas de conteúdo e forma para a abordagem jornalística sobre a questão ambiental na Amazônia, a partir das idéias de pessoas que classificamos como *comunicadores da floresta*: cidadãos que trabalham com comunicação, profissionalmente ou não, e que tenham ligação com a temática ambiental.

Fomos a campo entrevistá-los, em vídeo, para gerar conhecimento científico, mas também para divulgar essas entrevistas ao público, como um projeto de extensão universitária, publicando-as em meio de comunicação alternativo, a Internet³. Frisamos que a publicação de tais informações na Web – meio de comunicação de baixo custo, livre da necessidade de concessão, características que aumentam sua independência econômica e política – também é uma maneira de pesquisar novos caminhos para o Jornalismo, este tradicionalmente ligado a grandes empresas de comunicação de massa e seus grandes interesses.

Por estarmos estabelecidos no Acre há poucos anos (desde 2005), escolhemos procurar pessoas com experiência concreta em Comunicação Social e/ou comunicação interpessoal no Acre, mesmo que não tenham formação acadêmica na área de Comunicação; indivíduos com opiniões forjadas a partir da experiência na idiossincrasia amazônica, contanto que tenham seus trabalhos claramente vinculados à temática

³ As entrevistas do projeto “Narrativas da Floresta” estão no blog www.narrativasdafloresta.blogspot.com



ambiental. Tal decisão metodológica também se justifica por acharmos que falta à cobertura jornalística o detalhe e a informação vindos das áreas de floresta que ainda podem ser preservadas, onde não há comunicadores formados, e onde a biodiversidade e a saúde ambiental justificam o empenho de preservar a floresta.

A escolha da principal ferramenta metodológica, a entrevista, provém da própria técnica jornalística, na qual a entrevista tem importância fundamental. Acreditamos firmemente nesse instrumento de pesquisa qualitativa na área de Jornalismo e, no caso do projeto *Narrativas da Floresta*, como fonte de inspiração de uma pesquisa que se atribui o objetivo de propor alternativas a partir de experiência alheia. Se acreditamos nas versões criadas pela prática jornalística cotidiana, baseada na entrevista, podemos acreditar nessa mesma ferramenta como prática de pesquisa.

A opção metodológica traz em si a inspiração da sabedoria da floresta, traduzida num perfil diferenciado de entrevistas. É necessário fazer silêncio para estudar os arredores, para ouvir alguém a quem se respeita, para rever um mesmo objeto a partir de ponto de vista diverso, caso contrário pode-se desperceber alternativas e soluções colocadas ali mesmo, em meio à diversidade. Imaginamos uma entrevista em que é possível deixar falar e permitir-se ouvir, interagir; um diálogo em que o entrevistado reflita, diga e desdiga, sem pressa. E ressaltamos aqui a importância de opções metodológicas como esta, pois a mitificação que envolve a chamada *sabedoria da floresta* frequentemente prejudica o uso dessa sabedoria, travestindo-a em idealizações fantasiosas.

II – Comunicadores da floresta e da cidade

Neste artigo, apresentamos as conclusões iniciais do projeto *Narrativas da Floresta* a partir das primeiras entrevistas realizadas com comunicadores estabelecidos nas grandes cidades do Acre: a capital Rio Branco, extremo Leste do estado, banhada pelo Rio Acre, e Cruzeiro do Sul, extremo oeste do Acre, banhada pelo Rio Juruá, às portas da região com a maior biodiversidade da Terra.

As entrevistas foram direcionadas por duas perguntas-guias complementares: “qual a sua opinião sobre a cobertura da imprensa brasileira para a questão ambiental na Amazônia?” e “qual a sua opinião sobre a cobertura da imprensa do estado do Acre para a questão ambiental na Amazônia?” Tais perguntas foram as únicas aplicadas de maneira idêntica a todos os entrevistados. Outros assuntos ficam por conta da



sensibilidade do pesquisador, sugerindo caminhos diferentes devido à atividade e história do entrevistado, mas sempre dentro do tema *Comunicação e Meio Ambiente*. As entrevistas incluem opiniões e análises a respeito da questão ambiental em si, já que esta penetra o assunto *cobertura da imprensa*.

Por ora, já entrevistamos dezessete pessoas, mas, aqui, analisaremos as entrevistas dos cinco primeiros entrevistados:

- *Antônio Alves*⁴, jornalista que atuou no jornal alternativo *Varadouro*⁵ e em diversos meios de comunicação do estado do Acre, produtor e roteirista de documentários, escritor, poeta, conhecido como criador do termo *florestania* (cidadania da floresta);

- *Elson Martins*⁶, jornalista decano, fundador e editor do jornal alternativo *Varadouro*;

- *José Carlos dos Reis Meirelles Jr.*⁷, sertanista da Fundação Nacional do Índio, responsável pelas atividades da Funai junto aos índios isolados nas cabeceiras do Rio Envira em Feijó (AC), colaborador eventual de meios de comunicação;

- *Leandro Altheman Lopes*⁸, jornalista, repórter da TV Aldeia (canal público do Acre) na cidade de Cruzeiro do Sul (AC);

- *Benki Piyãko*⁹ é indígena da etnia Ashaninka, vice-Presidente da Apiwtxa (Associação do Povo Ashaninka do Rio Amônia-AC), coordenador do Centro Yorenka ãtame – Saber da Floresta¹⁰.

⁴ Nas décadas de 70 e 80, participou dos movimentos socioambientais do Acre e da criação do PT. Foi presidente da Fundação Cultural Elias Mansour (Governador do Acre) e assessor de Marina Silva. Hoje é consultor e assessor especial do Governo, integra o grupo de editores do site da Biblioteca Marina Silva e assina o blog “O Espírito da Coisa”.
http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=84
– consulta em 04.07.2008

⁵ O jornal “Varadouro” editado em Rio Branco (AC) de 1977 a 1981, foi reconhecido como uma das experiências mais honestas e eficientes da imprensa alternativa surgida no Brasil durante a ditadura militar
http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=191&Itemid=169
– consulta em 04.07.2008

⁶ Foi correspondente do jornal “O Estado de S.Paulo” no Acre, liderou a equipe que produziu o jornal “Varadouro”. Trabalhou como consultor e personagem da minissérie “Amazônia, de Galvez a Chico Mendes”, da TV Globo. Em 2007, ganhou o prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente, terceiro lugar, na categoria Liderança Individual.
http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=84
– consulta em 04.07.2008

⁷ Participou da criação da política da Funai para índios isolados. Prêmio Chico Mendes 2007, Liderança Individual.
http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=84
– consulta em 04.07.2008

⁸ Vencedor do Prêmio Chalub Leite (Sindicato dos Jornalistas/AC) no ano de 2006, categoria Telejornalismo, com série de reportagens sobre os índios Iawanawá.

⁹ Recebeu prêmio Nacional de Direitos Humanos de 2004, categoria Comunidades Indígenas
<http://apiwtxa.blogspot.com/> – consulta em 04.07.2008

¹⁰ Utilizamos definição do blog da Associação Ashaninka do Rio Amônia: “Esse projeto também é para fortalecer os conhecimentos tradicionais, para que a população tenha uma nova visão sobre a floresta. Esta visão é saber como usar os recursos naturais sem agredir o meio ambiente e a natureza, de forma que esse saber possa ser reconhecido como ciência de conhecimentos práticos, recuperando terras, florestas e animais, cuidando da biodiversidade em geral.” –
<http://apiwtxa.blogspot.com/>, consulta em 04.07.2008



Em princípio, procuramos comunicadores influentes em todo o estado, para iniciar a pesquisa com uma visão panorâmica de pessoas que trabalham diretamente com *Comunicação e Meio Ambiente*: jornalistas Antônio Alves, Elson Martins e o sertanista José Carlos Meirelles. Em seguida, embarcamos em viagem ao Vale do Juruá, onde entrevistamos o jornalista Leandro Altheman Lopes e o líder indígena Benki Piyãko.

Como o intuito aqui é procurar diretrizes para a revisão das práticas jornalísticas na cobertura para a questão ambiental amazônica, começamos privilegiando o diagnóstico do trabalho jornalístico existente. Abaixo destacamos as respostas dos *comunicadores da floresta* para a pergunta *qual a sua opinião sobre a cobertura da imprensa brasileira para a questão ambiental na Amazônia?*

*Antônio Alves*¹¹:

A imprensa brasileira desconhece a Amazônia. Não sabe o que é, não chega perto, não tem idéia. É uma imprensa muito centrada em Rio, São Paulo, Brasília; é uma imprensa acoplada às grandes companhias e às grandes cidades, aos grandes temas urbanos, às grandes questões que envolvem milhões de pessoas e que dão a pauta nacional.

Não é que seja errado, afinal de contas é lá que estão os leitores deles, é lá que estão os telespectadores, é lá que estão seus personagens e tudo mais; então é uma imprensa do Brasil urbano, do Brasil industrializado, do Brasil do Sul.

(...)

E o Brasil ainda olha a Amazônia assim, sabe, como a elite olha o povo, como o veículo de comunicação olha o telespectador, ou espectador, ou leitor, ou ouvinte, há uma separação, não há uma efetiva participação na produção da notícia, do comentário, da análise; o público é sempre o público. “Nós produzimos e eles são os consumidores.” Então, a notícia como uma mercadoria, a informação como uma mercadoria, eu acho que é o que predomina nessa sociedade.

Bom, é claro que a Amazônia fica como um grande universo desconhecido, como uma fronteira, a qual não se ultrapassa, um território no qual a imprensa, quando penetra, os veículos de comunicação, quando penetram, é de uma maneira folclórica; você vê algumas reportagens de grandes emissoras de televisão, é mais pra narrar a coragem dos seus intrépidos repórteres que estão penetrando a última caverna inexplorada, subindo na árvore mais perigosa e alta da floresta, “vejam o quanto tivemos que empurrar um carro na lama até chegar na fronteira não sei da onde, e tal”. Coisa que pra quem vive aqui na Amazônia, nessas regiões, nessas cavernas, florestas, estradas e fronteiras, não é absolutamente novidade. E isso pra eles é uma grande novidade.

Ou se não é por aí, é por um viés escandaloso, do conflito, como se aqui só existisse conflito, só existisse assassinato, e disputa, como se não existisse uma vida, a população vivendo com hábitos, cultura, maneiras de desenvolver sua economia, de viver; línguas diferentes que se falam, aqui tem uma variedade enorme, uma riqueza muito grande da Humanidade e da vida de maneira geral, e tudo isso é encarado com um olhar de desconhecedor, por parte da imprensa.

¹¹ Entrevista feita em janeiro de 2008.

Não sei quanto tempo isso vai permanecer ou como se pode mudar, mas eu não tenho muita esperança de que o sistema de comunicação baseado nas empresas de comunicação possa dialogar com a Amazônia em termos de conhecimento a respeito, descobrir e divulgar as coisas da Amazônia.

Eu acho que para a Amazônia dar-se a conhecer, ela necessita de uma variedade maior de experiência de comunicação. Esse sistema nacional, até internacional, de comunicação, as agências, as emissoras, as indústrias da comunicação, eu acho que eles têm muita dificuldade de dar um tratamento íntimo para a Amazônia; a Amazônia vai ser sempre uma coisa exótica para esse sistema. Mas existem experiências, algumas experiências pontuais, regionais, que aqui e acolá, avançam.

Um jornal interessante, criativo, uma experiência de vídeo, de televisão, um tipo de comunicação que se estabelece entre comunidades; tem várias experiências pequenas espalhadas, que eu acho que de vez em quando conseguem fazer com que seus produtos sejam incluídos, sejam comprados pela grande imprensa, chamada. É muito raro. Então essa comunicação mais informal, mas criativa, ela permanece na esfera da informalidade mesmo, não penetra na grande indústria da comunicação, como várias outras coisas no Brasil.

Elson Martins¹²

Eu acho que nos últimos trinta anos ela [a cobertura da imprensa] empobreceu bastante. É contraditório isso, considerando o avanço da Internet, da tecnologia, da comunicação. Mas, há trinta anos, a imprensa brasileira fazia uma cobertura melhor da Amazônia, sobretudo no Estadão, que é um jornal onde eu trabalhei como correspondente aqui no Acre durante dez anos, com Lúcio Flávio em Belém. Teve também a imprensa alternativa durante o regime militar, tudo com muita dificuldade tecnológica, dificuldade de contato. Por exemplo, eu como correspondente comecei passando matérias por telefone aos gritos, aos berros de um único posto que permitia esse contato com São Paulo [a partir do Acre].

(...)

Então, respondendo à tua pergunta, a imprensa hoje tem tudo pra ser melhor do que a imprensa de trinta anos atrás, mas não é. Acho que as novas gerações, saídas das escolas de Jornalismo, elas estão precisando adquirir esse olhar. A solução é adquirir esse olhar. No caso dos jornalistas nascidos na região, já têm esse olhar dentro de si, mas não estão usando.

(...)

Quer dizer, a pessoa, mesmo que seja um pesquisador, um cientista político, um empresário, um político partidário, um historiador, ele tende a olhar a Amazônia com esse olhar do colonizador. E nós que vivemos aqui também tendemos a adquirir esse olhar do colonizador, ao invés de atuarmos como colonizados e estabelecermos uma tentativa de equilíbrio. Lutar pelo equilíbrio de cultura. Então, mais recentemente, eu estou pensando num caminho mais fácil de juntar o conhecimento tradicional com o conhecimento moderno, esse encontro de saberes, em tudo, para tudo.

As pessoas que fizeram curso superior, que vêm fazer uma pesquisa científica em determinada área da Amazônia, eu acho que sem elas não se avança também. Mas elas precisam olhar para o cientista da floresta, quer dizer, precisam respeitar, precisam se sentar diante de um pajé, de um ribeirinho, de um seringueiro como se estivessem diante de um doutor, e isso é muito difícil, você estabelecer esse equilíbrio. *As pessoas não estão preparadas para colocar esse olhar na sua prática.* Então acho que hoje, aqui no Acre, na Amazônia, temos que aprender a trabalhar com o olhar do colonizado, não procurar, não

¹² Entrevista feita em janeiro de 2008.



fazer um esforço, não gastar energia para adquirir o olhar do colonizador para ver aquilo que nos já vemos e muito bem, com o coração, com a alma, com a vivência.

*José Carlos dos Reis Meirelles Jr.*¹³

Eu acho o seguinte: tudo que denuncia tem que existir, se não houvesse, não teria mais nenhum pau aqui na Amazônia. Mas eu acho que falta, na minha opinião, porque eu não sou técnico, minha área é outra, o que eu sinto falta é de uma cobertura de fundo, porque eu vejo que sempre, nas coberturas da imprensa, chega um bando de gente, “nós temos quinze minutos para fazer a reportagem, até amanhã porque depois de amanhã...”, entendeu, você não acha uma equipe de jornalismo na Amazônia.

(...)

Você não acha uma reportagem de fundo que pare um tempo. Por exemplo, há esse problema de desmatamento na Amazônia agora, estou sabendo que os caras estão até derrubando nesse tempo, no inverno, três, quatro dias de sol encoberto. Por que essas equipes não chegam lá e não vêem o que está acontecendo na região, quais são os problemas sociais, econômicos, políticos da região, entrevista índio, seringueiro, o caboco que está lá derrubando, faz uma coisa de fundo. Ou seja, chegar, sentar numa região, passar pelo menos um mês, quinze, vinte dias, e entrevistar todos os atores dessa história, todos, absolutamente todos, *prós e contra*, para ver se aparece alguma reportagem que realmente mostre a realidade.

(...)

Eu acho que a imprensa anda muito ligeira demais, está correndo demais, eu acho que os caras têm que parar um pouco na Amazônia, e *entrar no ritmo da Amazônia mesmo*, o ritmo aqui não é o ritmo paulistano, nem lá do Congresso Nacional; as coisas na mata funcionam diferente, você não vai chegar na casa dos seringueiros e em dez minutos vai conseguir uma entrevista com ele, nunca, porque ele não vai falar nada. Ele só vai se abrir quando você passar uns dois dias na casa dele, for lá no roçado conversar com ele, aí ele vai te contar as histórias. *Desse jeito que a imprensa está fazendo, não consegue perceber a opinião dos atores desse cenário maluco que é a Amazônia hoje, que não devia ser maluco, mas é.*

*Leandro Altheman Lopes*¹⁴

Acho que tem alguns pontos chaves na forma como a imprensa brasileira, a imprensa nacional, trata ou cobre a Amazônia, mas geralmente ela cai em alguns vícios permanentes, um deles é o vício do exótico, do exotismo, é você vir para cá, por exemplo, uma equipe da Rede Globo que está aqui, que entrou no rio Croa e na televisão disse que tava no rio Moa, entrou na floresta, mostrou floresta, sem mostrar a ocupação humana do jeito que ela é, mostrou só floresta, que a floresta é importante e é o que as pessoas querem ver, mas você mostrar só floresta sem mostrar a ocupação humana, dá uma visão fictícia, fantasiosa da realidade. Esse eu acho que é o vício, talvez, tem muito dos programas que são mais focados mesmo na questão ambiental, eu vejo nisso um problema, isso é da grande imprensa.

Outro eu acho que é uma espécie de pessimismo também, que não ajuda, essa coisa de retratar a Amazônia, a Amazônia está sendo destruída, isso é um chavão que se tornou comum na imprensa, já há algum tempo. Tem a sua dose

¹³ Entrevista feita em fevereiro de 2008.

¹⁴ Entrevista feita em março de 2008.

de verdade, mas não traduz a realidade toda que acontece na Amazônia. E aí as pessoas que estão em casa assistindo não sabem exatamente o que está sendo destruído, e se torna uma coisa generalizada. As pessoas não sabem, por exemplo, qual é a diferença de uma queimada para fazer roçado, que o índio, que o caboclo fazem, e de uma queimada que é feita pra abrir pasto, pecuária; o que é uma extração de madeira ilegal, o que é de manejo, e assim vai.

As pessoas acabam tendo uma visão muito dividida em herói e bandido, e eu acho que a imprensa tem total liberdade sobre isso. Eu acho que assim, os caras pegam mesmo, aquela coisa do jornalista, tem que voltar com a matéria para a redação, e se eles tiverem um esquema desses assim, fica mais fácil para trabalhar, ter um olho no exótico ou no pessimismo da Amazônia, eu acho que o foco está aí, nesses dois pontos, acho que a imprensa nacional peca por aí, por não contemplar o ser humano amazônico, não mostrar quem é esse ser humano amazônico, a sua diversidade do índio, do caboclo do agricultor, do seringueiro, também das pessoas que vivem na cidade e têm as suas vidas. Então, a pessoa em casa tem uma visão muito pequena, recortada do que é a Amazônia, acho que esse é o principal vício, pra mim.

*Benki Piyãko*¹⁵

Eu vejo hoje que a imprensa tem um papel muito importante no Brasil, de poder mostrar o que está acontecendo, e muitas das vezes a imprensa foca muito nos objetivos específicos, e não mostra o maior, que muitas das vezes vem acontecendo, realmente. Às vezes mostra mais o conflito do que um trabalho que é desenvolvido. Então, a gente sempre teve esse cuidado muito grande sobre isso. Sempre, aqui dentro da nossa própria comunidade, quando os jornalistas vinham falar o que estava acontecendo na comunidade. Muitas vezes a gente falava uma coisa, [e eles] apresentavam uma outra coisa e muitas das vezes não tinha a ver com o que a gente estava fazendo, mas era uma coisa que ele [o jornalista] achava que devia ser falado.

Então a gente começou a colocar muito esse propósito de que ela [a imprensa] tem que ser mais realista também, tem que mostrar profundamente o que cada comunidade ou cada povo acha, e o que cada povo sente. Então, a cobertura jornalística é uma coisa fundamental, é uma ferramenta que hoje se qualquer jornal ou qualquer centro de comunicação do Brasil, dessa parte de querer conhecer ou querer informar ou passar esses conhecimentos, (...) é bom mostrar mesmo os menores detalhes porque muitas das vezes trazem uma explicação muito maior para as pessoas.

Eu tenho participado muito do Jornal Nacional, do que ele mostra e também muitas das vezes algum depoimento que a Globo mesmo tem feito com a gente, porque eles têm um programa tão direcionado, muitas das vezes a gente quer falar da coisa e eles “não, é isso aqui”, muitas das vezes a gente quer tocar no assunto que é importante, e “não, é isso aqui”, e aí acaba tirando, muitas das vezes, que para não sair fora da linha tem que entrar num assunto que eles acham que é aquilo que tem que ser falado.

¹⁵ Entrevista feita em março de 2008.

III – Conclusões

No momento em que o debate ecológico se faz indispensável, sendo a Amazônia apontada como principal ecossistema a ser protegido no planeta, revisar as práticas jornalísticas no tratamento da questão ambiental amazônica parece-nos imprescindível, e concluímos que as declarações dos comunicadores por nós entrevistados reforçam tal ponto de vista.

Não questionam a importância da cobertura da imprensa para a região, especialmente quando esta denuncia a devastação da floresta, por exemplo. No entanto, o diagnóstico geral aponta abundantes deficiências. Descrevem uma cobertura ignorante em relação aos principais problemas da Amazônia, centrada no sul do país, ligada aos interesses das grandes cidades; julgam que as matérias sobre a região tranparecem um ponto de vista de *separação* em relação à Amazônia, empurrando-a para um universo desconhecido; quando penetra na problemática amazônica, avaliam que isso é feito de maneira folclórica, superficial, abordando a região como território exótico, desabitado, apontando banalidades do cotidiano amazônica como novidades, ignorando a enorme variedade cultural da região numa cobertura de imprensa pior que a existente há trinta anos, reproduzindo o olhar de colonizador, sem tempo suficiente para a reportagem, fora do “ritmo” da região, já que na Amazônia o tempo de uma reportagem será sempre longo devido às distâncias e à pouca infra-estrutura. Não há suficiente detalhamento, igualando a queimada do agricultor e do caboclo à do pecuarista, a extração de madeira ilegal à retirada no âmbito de um programa de manejo. Nossos entrevistados notam que a floresta freqüentemente é mostrada sem ocupação humana, dando uma visão fictícia e fantasiosa da realidade, por vezes exagerando na dose de pessimismo, “a Amazônia está sendo destruída”, sem apontar exatamente o que é devastado; evidencia os conflitos mais do que os trabalhos desenvolvidos em benefício da biodiversidade; ignora detalhes sutis que podem dar grandes explicações ao público. Os comunicadores por ora entrevistados nesta pesquisa salientam ainda que os conflitos são abordados de maneira maniqueísta, “herói e bandido”, apontam que a imprensa ignora a diversidade humana, da floresta e das cidades amazônicas.

Antônio Alves descrê que o atual sistema de comunicação baseado nas empresas de comunicação possa dialogar com a Amazônia em termos de conhecimento, sendo uma região que será eternamente vista como exótica pelo sistema de comunicação nacional e internacional. O mesmo entrevistado afirma que faz-se necessária uma



variedade maior de experiências de comunicação para que se conheça a Amazônia. E as propostas para uma outra cobertura jornalística surgem naturalmente, como a necessidade de divulgação de experiências de comunicação informais e criativas, o que aponta para a experimentação; talvez possamos usar, para isso, a sugestão de Elson Martins, de juntar o conhecimento tradicional ao conhecimento moderno, promovendo o encontro de saberes.

Para Boaventura de Souza Santos, a ciência contemporânea – e, eu diria, o jornalismo – está vivendo outra crise que não a do crescimento. Com todas as tragédias do século XX, com o mural dramático da miséria da humanidade, certamente não se vive, na primeira década do século XXI, a euforia do progresso, seja na ciência, seja no jornalismo, seja no senso comum. Na crise de degenerescência que claramente se configura na saúde e felicidade humanas ou no equilíbrio do planeta, percebe-se uma nova ruptura: os especialistas precisam reencontrar os elos perdidos entre eles e as múltiplas sabedorias para, juntos, darem outras respostas aos impasses históricos. (MEDINA, 2006, p.12)

Tais afirmações complementam o diagnóstico de nossos entrevistados apontando para a necessidade de se rever a prática jornalística no momento em que a humanidade precisa da Comunicação Social e do Jornalismo na procura de soluções para os problemas contemporâneos, em nosso caso específico, a questão ambiental amazônica. E os *comunicadores da floresta* recomendam experimentação. Agora o desafio é depreender de suas palavras formas e conteúdos que gerem uma prática jornalística à altura da imensa Amazônia.

Ao que parece, essa experimentação demanda aportes financeiros que possibilitem a profissionais passar semanas na floresta, entrevistando atores a favor e contra a preservação da floresta, pessoas envolvidas diretamente nos acontecimentos da mata bruta e das reservas ambientais e/ou extrativistas. Onde buscar tais contribuições para financiar a experimentação que as empresas de comunicação se omitem fazer? Ou será recomendável outra solução, privilegiando modelos diferentes, baseados em meios de comunicação alternativos, sem a presença de empresas de comunicação cujo principal objetivo seja lucrar? Podemos nos arriscar a imaginar as universidades como ambiente para essa experimentação, propondo com criatividade, a baixo custo, outros rumos jornalísticos para cobertura da questão ambiental na Amazônia?

Em nossas primeiras conclusões aqui expostas, notamos que os *comunicadores da floresta* parecem sugerir a jornalistas e pesquisadores da área de Comunicação Social e Jornalismo da Amazônia que dêem asas à criatividade, concebendo propostas de



conteúdo interdisciplinar, baseadas na cultura local, ao mesmo tempo inovando na criação de modelos institucionais alternativos, a partir da diversidade de *formas* que a tecnologia proporciona a baixo custo hoje, em meios impressos e eletrônicos. O projeto de pesquisa *Narrativas da Floresta* continua a investigar respostas, empenhado em reencontrar os elos perdidos citados por Medina, começando por viver, um pouco, junto de sábios formados em tradição não-ocidental, conhecendo e interagindo com o meio ambiente em pessoas, flora, fauna, água.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem de. Diálogo parcial - uma análise da cobertura da imprensa para a questão indígena brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) ECA/USP, São Paulo, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa. São Paulo : Mojoara Editorial, 2007.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas e Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação. 14 ed. Porto Alegre : s.n., 2008.

MARSHALL, Leandro. O Jornalismo na era da publicidade. São Paulo : Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo : Paulus, 2006.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra Pátria. 3 ed. Porto Alegre : Sulina, 2002.

SABATO, Ernesto. O escritor e seus fantasmas. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.